

Fabiano Eloy Atilio Batista
(Organizador)

COMUNICAÇÃO E CULTURA:

processos
contemporâneos

Atena
Editora
Ano 2021

Fabiano Eloy Atilio Batista
(Organizador)

COMUNICAÇÃO E CULTURA:

processos
contemporâneos

Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Comunicação e cultura: processos contemporâneos

Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Amanda Costa da Kelly Veiga
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C741 Comunicação e cultura: processos contemporâneos /
Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa
- PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-539-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.393212709>

1. Comunicação. 2. Cultura. I. Batista, Fabiano Eloy
Atílio (Organizador). II. Título.

CDD 302.2

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Estimados leitores e leitoras;

Sendo considerada uma característica intrínseca do homem, comunicar – em suas diversas formas – é considerado um valor que partilhamos em comum; e como apregoava *Aristóteles* é o que nos transforma em “seres políticos”.

Embora os termos Comunicação e Cultura, a princípio, pareçam sólidos e indiscutíveis, não é o que de fato ocorre. As questões que dizem respeito a essas duas categorias, variáveis historicamente e socialmente, se configuram num complexo emaranhado de questões que merecem ser cotidianamente perscrutadas.

Nesse sentido, a coletânea **Comunicação e Cultura: processos contemporâneos** busca, de forma crítica e com alto rigor metodológico e científico, ao longo de 6 (seis) capítulos tencionar discussões que abordam os processos comunicacionais e suas mediações e interações em sociedade.

Nesse sentido, os dois primeiros capítulos que abrem as discussões, intitulados ‘*Narrativa Transmídia e Metaverso*’ e ‘*Narrativas da diferença na publicidade audiovisual brasileira*’, buscam explorar as questões em torno das Narrativas, empreendendo os elementos constitutivos das veiculações midiáticas, imagéticas e sonoras, por exemplo, e nos oportunizando uma percepção e compreensão do fenômeno de forma holística.

Em seguida, os capítulos intitulados ‘*Chega pro lado, deus, estou tuitando a verdade – uma análise retórica dos tweets de trump*’ e ‘*Curadorias artísticas virtuais: o Instagram como lócus da arte*’, que compõe, respectivamente nosso terceiro e quarto capítulo, busca trazer reflexões sobre os ambientes das redes sociais, sobretudo Instagram e Twitter, e como estes espaços mediam nossas interações na contemporaneidade, sobretudo em tempos de pandemia onde houve uma ampliação do uso desses meios.

Encerrando nossa coletânea, de maneira brilhante, temos o quinto e sexto capítulo, intitulados ‘*Transumanismo vida eterna, humanidade potencializada ou euforia pronta para mercantilização*’ e ‘*Gays de direita e a nova onda conservadora*’, que buscam traçar considerações sobre as relações entre a mídia e as produções de sentido na/para a sociedade.

Ademais, a coletânea **Comunicação e Cultura: processos contemporâneos** apresenta apontamentos atuais sobre as múltiplas relações entre os meios de Comunicação e a Cultura, construindo novos olhares para que possamos ampliar nossa visão de mundo e sobre os sujeitos, impactando, significativamente, nos nossos modos de pensar e agir, e nos modos de ser/estar socialmente.

Por fim, a coletânea torna-se fundamental para construção de debates e reflexões, em diálogos com diferentes dispositivos da comunicação, para podermos pensar o(s) lugar(es) das mídias na cultura contemporaneamente.

A todos e todas, esperamos que gostem e que tenham uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atilio Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
NARRATIVA TRANSMÍDIA E METAVERSO ESTRATÉGIAS MULTIPLATAFORMAS EM “ESPECTROS – UM DRAMA FAMILIAR”, DE HENRIK IBSEN	
Thiago Berzoini	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3932127091	
CAPÍTULO 2	17
NARRATIVAS DA DIFERENÇA NA PUBLICIDADE AUDIOVISUAL BRASILEIRA	
Vanessa Cardozo Brandão	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3932127092	
CAPÍTULO 3	29
CHEGA PRO LADO, DEUS, ESTOU TUITANDO A VERDADE – UMA ANÁLISE RETÓRICA DOS TWEETS DE TRUMP	
Jair Rattner	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3932127093	
CAPÍTULO 4	39
CURADORIAS ARTÍSTICAS VIRTUAIS: O INSTAGRAM COMO <i>LOCUS</i> DA ARTE	
Marcos Rizolli Regina Lara Silveira Mello	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3932127094	
CAPÍTULO 5	50
TRANSMANISMO VIDA ETERNA, HUMANIDADE POTENCIALIZADA OU EUFORIA PRONTA PARA MERCANTILIZAÇÃO	
Leonardo de Souza Moura	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3932127095	
CAPÍTULO 6	64
GAYS DE DIREITA E A NOVA ONDA CONSERVADORA: A NEGAÇÃO DE SI MESMO E A CONTRADIÇÃO DO CONSERVADORISMO NOS COSTUMES POR PARTE DE MEMBROS DA COMUNIDADE LGBT+	
Alexandre Lauriano Copelli	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3932127096	
SOBRE O ORGANIZADOR	78
ÍNDICE REMISSIVO	79

CAPÍTULO 6

GAYS DE DIREITA E A NOVA ONDA CONSERVADORA: A NEGAÇÃO DE SI MESMO E A CONTRADIÇÃO DO CONSERVADORISMO NOS COSTUMES POR PARTE DE MEMBROS DA COMUNIDADE LGBT+

Data de aceite: 21/09/2021

Alexandre Lauriano Copelli

Universidade Cidade de São Paulo
São Paulo, SP

Trabalho apresentado ao GT 3: Ativismos e resistências do movimento de LGBT+ na Jornada Identidades, Gêneros, Corpos e Sexualidades - Berro! Expressão e Comunicação LGBT.

RESUMO: Procurando compreender a nova onda conservadora e a contradição dos membros da Comunidade LGBT+ que se declaram conservadores nos costumes, este estudo inicialmente conceitua o espectro político, descreve a história e os conceitos basilares da direita, e de sua relação com a religião, para em seguida procurar compreender as características dessa guinada à direita, principalmente a ocorrida no Brasil com a influência dos movimentos evangélicos. Ao final, citam-se casos de políticos LGBT+ conservadores, com seus modos próprios de ativismo antirrevolucionário e de antirresistência, realizando uma análise crítica desse processo de cooptação por um sistema que lhes usa ao mesmo tempo em que ideologicamente lhes despreza.

PALAVRAS - CHAVE: Gays de Direita; Nova Onda Conservadora; Conservadorismo nos Costumes; Comunidade LGBT+.

ABSTRACT: Seeking to understand the new conservative wave and the contradiction of LGBT+ Community members who declare themselves conservative in customs, this study initially conceptualizes the political spectrum, describes the history and basic concepts of the right, and its relationship with religion, and then try to understand the characteristics of this shift to the right, especially the one that took place in Brazil under the influence of evangelical movements. At the end, there are cases of conservative LGBT+ politicians, with their own modes of anti-revolutionary and anti-resistance activism, carrying out a critical analysis of this process of co-option by a system that uses them while ideologically despises them.

KEYWORDS: Right-wing gays; New Conservative Wave; Conservatism in Customs; LGBT+ community

1 | INTRODUÇÃO

Como questão norteadora, esse estudo procura compreender o contrassenso presente na identificação de alguns membros da comunidade LGBT+ com o conservadorismo nos costumes. Isso porque, historicamente, o conservadorismo nos costumes, presente na ideologia da direita política, é fruto da moral e da ideologia cristã da Idade Média, baseada nos ensinamentos da bíblia, e, conseqüentemente, completamente avessa aos comportamentos e sexualidades diversas.

Diante isso, e procurando compreende

esses novos atores políticos, e seu modo próprio de conservadorismo nos costumes, esse artigo inicialmente descreve as manifestações do espectro político de direita, sua história e suas bases, bem como sua estreita ligação com a igreja, para em seguida tratar da guinada à direita ocorrida na política internacional, principalmente a partir de meados de 2010.

Por fim, através de exemplos de políticos e figuras públicas da comunidade LGBTQ+, que se identificam com um pensamento político de direita, e com um conservadorismo nos costumes, procura-se compreender esse novo ator político e suas particularidades, bem como realizar uma análise crítica do papel contrarrevolucionário e de antirresistência operado por eles em sua busca de consonância com as forças opressoras e mantenedoras das desigualdades impostas aos membros da comunidade LGBTQ+, da qual também fazem parte ainda que a neguem.

2 | O ESPECTRO POLÍTICO E A DIREITA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

Gonçalves (2017) explica que o uso dos termos “direita” e “esquerda” dentro do espectro político remonta à Revolução Francesa, quando dois grupos com ideias diversas sobre os modos de condução da sociedade, girondinos e jacobinos, sentavam-se respectivamente à direita e à esquerda do salão da Assembleia Nacional Francesa. O principal ponto de divergência entre esses dois grupos relacionava-se às noções de liberdade e igualdade, sendo que para os girondinos a liberdade deveria ser priorizada, enquanto para os jacobinos a defesa da justiça social, pela igualdade, deveria ser o principal foco de luta. Contudo, ao invés de serem tidos como forças contrárias, deve-se notar que esses dois polos dicotômicos formam uma relação de caráter contraposto e interdependente, onde apenas através do seu equilíbrio é que a sociedade pode encontrar estabilidade.

A partir dessa diferenciação surgem outros termos largamente utilizados para descrever pessoas alinhadas a essas ideologias, tais como: “conservador” ou “reacionário”, para se referir às pessoas de direita, e “progressista” ou “revolucionário”, para denominar os que se alinham à esquerda. Os conservadores são aqueles que procuram favorecer a manutenção das configurações vigentes na sociedade, enquanto os progressistas buscam realizar uma transformação radical visando maior igualdade social (GONÇALVES, 2017).

Nesse contexto, o pensamento conservador procurava manter as estruturas sociais estabelecidas, mantendo o modo de vida e de organização social da Idade Média, em contraponto aos movimentos progressistas do Iluminismo que procurava realizar profundas transformações nessas estruturas, e que se manifestou mais fortemente através da Revolução Francesa e da Revolução Industrial (GONÇALVES, 2017).

Visando a manutenção dessas estruturas, os conservadores, desde o princípio, mantiveram fortes laços com as instituições de poder estabelecidas, tais como a religião e a família. Para a ideologia conservadora, todas as mudanças sociais e culturais instauradas

pela sociedade ocidental na Modernidade são reflexos de uma degeneração e de uma decadência social e moral. Por isso, na base do conservadorismo assentam-se as ideologias da moral cristã, bem como os modos de vida e as instituições pré-modernas.

2.1 Os laços que unem o conservadorismo de direita à religião e ao fundamentalismo

Com a base do conservadorismo fundada sobre o ideal de manutenção das estruturas sociais e valores anteriores ao Iluminismo, e procurando manter o poder nas mãos das instituições que operavam na Idade Média, sua relação com a igreja é quase que indissociável, e para compreender um, se faz necessário compreender o outro.

Para Santos (2012), a história das religiões é também a história do proselitismo religioso, que opera através de um movimento contínuo em busca da expansão de suas doutrinas, de seu domínio e seu poder. Explicando esse percurso histórico, o autor conta que as noções de liberdade religiosa, liberdade de expressão e de crença, que são vigentes nos Estados Democráticos de Direito, foram conquistadas após muitas lutas contra o julgo da Igreja Católica Medieval, sendo conquistadas do Iluminismo e da Modernidade.

Desde que o cristianismo deixou de ser uma dissidência perseguida pelo judaísmo, tornando-se a religião oficial do Império Romano, sua doutrina procurou fundamentar-se, transformando-se na fonte legitimadora do poder imperial e impondo sua ideologia pela força até um limite insustentável, quando a igreja começou a ameaçar até mesmo os poderes temporais e terrenos dos imperadores (SANTOS, 2012).

O processo de mudança gradual de poder ocorrido na Modernidade, com o fortalecimento do Estado e conseqüente enfraquecimento do domínio da Igreja Medieval, que se dividiu pelos movimentos protestantes, seguiu à revelia da luta conservadora que queria retomar e fortalecer o poder das velhas instituições e os velhos valores. Mas no início do século XX, segundo Amaladoss (2002), essa corrente conservadora fortaleceu-se com o surgimento de uma nova escola conservadora nos Estados Unidos, os fundamentalistas cristãos protestantes.

Se o protestantismo foi em parte um dos responsáveis pela perda de poder da igreja católica medieval, e conseqüentemente pela laicização do Estado e de seus valores, criados para refrear a guerra religiosa que se instaurou entre essas duas dissidências, foi ele também que trouxe esse novo fôlego conservador, que desde o século XX veio crescendo até chegar a essa nova onda conservadora que agora se observa.

No início dessa onda conservadora, os religiosos protestantes dos EUA começaram a se voltar contra os crescentes avanços tecnológicos e científicos frutos da Revolução Industrial. Sentindo que suas crenças estavam cada vez mais ameaçadas por teorias tal como a da evolução das espécies, de Charles Darwin, eles iniciaram o movimento do fundamentalismo cristão contemporâneo (AMALADOSS, 2002).

Guardando um sentimento saudosista, próprio do conservadorismo, e enxergando

todas as mudanças sociais pós-iluministas como uma espécie de degradação moral e social, esses religiosos tornaram-se os precursores dos movimentos fundamentalistas cristãos da atualidade. Isso porque entendiam que as teorias científicas afrontavam o texto bíblico em sua narrativa de criação, e que se construíam a partir de uma visão ateísta de mundo, numa visão puramente naturalista, descartando a necessidade de um Deus criador (AMALADOSS, 2002).

Esses mesmos grupos fundamentalistas paulatinamente foram se voltando contra outras filosofias, teorias e escolas de pensamento, tal como o comunismo, que para eles era considerado um propagador do ateísmo e de todas as degradações da Modernidade (AMALADOSS, 2002). Ganhando cada vez mais força, esses grupos fundamentalistas seguiram crescendo e se espalhando pelo mundo, sendo eles os precursores do fundamentalismo protestante e evangélico brasileiro.

Baseando-se nessas premissas históricas, fica demonstrada a estreita ligação entre a ideologia de direita e às ideologias religiosas e fundamentalistas. O que mostra o perigo dessa ideologia conservadora, e seu potencial violento e injusto. Isso porque, como explica Amaladoss (2002), toda religião é potencialmente violenta em suas bases, sendo uma instituição estruturalmente fundamentalista (por considera-se detentora da verdade única), e proselitista, (por acreditar-se imbuída do dever de converter os outros para as suas verdades). Ou seja, sempre que a religião procura converter o outro, que deveria poder professar sua própria fé sem a necessidade de ser constrangido, comete violência.

Nesse sentido, quando o pensamento político, seja ele de direita ou de esquerda, associa-se à religião, estabelece um perigoso precedente de violência. Isso porque a maioria das religiões fundamenta-se na noção de bem e mal, onde, por consequência, o bem estará sempre associado a si próprio, e ao seu grupo, enquanto o mal será imputado à todos aqueles que pensam de modo diverso, que possuem outros modos de vida ou outros valores. Por essa visão fundamentalista, aqueles que não creem nas bases de sua doutrina e na literalidade de seu livro sagrado estarão automaticamente associados com o mal, com o Diabo, com aquele com o qual Deus está em guerra declarada (AMALADOSS, 2002).

Para o pensamento fundamentalista, todos aqueles que possuem crenças e morais diversas devem ser combatidos ideológica ou fisicamente. Nessa luta, a violência não somente é aceita, mas até mesmo encorajada. É assim que uma “guerra justa” torna-se uma “guerra santa”, uma jihad, ou uma cruzada para destruir aqueles que são inimigos de Deus e a causa de todo o sofrimento que se abate sobre os homens (AMALADOSS, 2002).

É preciso observar, porém, que essa análise associativa entre o pensamento de direita, como concebido inicialmente em suas raízes históricas, e o fundamentalismo religioso, trata principalmente das raízes do conservadorismo nos costumes. Essa associação com a religião não é tão necessária quando falamos do conservadorismo econômico, que não é o foco deste estudo. Aqui, cabe-se analisar os novos movimentos conservadores nos costumes, sua associação com as ideologias religiosas, principalmente

com as correntes evangélicas que ganham cada vez mais poder político, e a participação de membros da comunidade LGBTQ+ nesses movimentos.

2.2 A distribuição religiosa no Brasil e sua crescente participação política

Segundo dados do último censo demográfico do IBGE, de 2010, no Brasil 86,8% das pessoas declaram-se cristãs, sendo que desses 64,6% são católicos e 22,2% evangélicos das mais diversas denominações. Esses dois grupos dominantes assumem um grande destaque na política nacional, com grande influência sobre os votos de seu eleitorado, apoiando políticos que se posicionam de acordo com seus interesses, e lutando contra as propostas de grupos sociais contrários a suas ideologias (SOUZA, 2013).

Todavia, o crescimento numérico dos evangélicos nas últimas décadas mostra uma tendência de superação do catolicismo nos próximos anos. Essa projeção é do IBGE (2010), e a perspectiva é de que até o ano de 2020, na realização do próximo censo, esse grupo religioso plural já represente a maioria da população brasileira.

Os evangélicos que a princípio tinham uma participação política discreta passaram a adquirir maior visibilidade a partir da Assembleia Constituinte de 1988. Foi quando a maioria de seus representantes se alinharam em torno de seus interesses e passaram a atuar como um grupo político, formando a atual Bancada Evangélica que gradualmente vem ganhando mais poder no congresso e no senado. Desde então, esse estreitamento das relações da igreja com o Estado tem gerado questionamentos quanto à laicidade do Estado brasileiro, e suscitado dúvidas quanto a seus perigos potenciais (SOUZA, 2013).

A Bancada Evangélica vem crescendo nas últimas eleições, e isso mostra a forte relação dos religiosos com a política, bem como o seu poder crescente de impingirem suas ideologias, agendas, crenças e valores pessoais à população brasileira em geral. Segundo dados do DIAP (2018), nos últimos pleitos a Bancada Evangélica teve um crescimento médio de 20%, e nas eleições de 2018 eles mais do que dobraram sua representação no senado, passando de 3 para 7 parlamentares.

Aumentando o contingente desse grupo aumenta-se também sua força política, como evidenciado pela última eleição presidencial brasileira, de 2018, onde Jair Bolsonaro foi eleito, sendo o primeiro presidente brasileiro alinhado ao cristianismo evangélico. Para sua vitória ele contou com o apoio de grandes lideranças evangélicas, e utilizou um *slogan* de campanha descaradamente proselitista que proclamava o “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”, o que lhe trouxe resultados, pois segundo Alves (2018), foi de fato o voto evangélico que garantiu sua vitória em segundo turno.

2.3 A nova onda conservadora no Brasil

Brugnago e Chaia (2015), explicando essa nova tendência conservadora no Brasil, dizem que até o ano de 2013 o país vivia em uma aparente apatia política. A população demonstrava pouco interesse no assunto e os partidos dispensavam suas ideologias para atuarem mais próximos de um centrismo ideológico. Esse descrédito da população no

processo político provavelmente foi resultado da ditadura militar e de seu lento processo de abertura, o que criou uma geração não habituada a lidar com o seu poder democrático.

Após as manifestações ocorridas em junho de 2013, contudo, esse cenário mudou. Nessa reviravolta, a identificação das pessoas com as posições políticas da esquerda e da direita afloraram. As manifestações tomaram as ruas de todo o país com reivindicações diversas e permeadas por um sentimento de saturação e de insatisfação generalizada. Ainda dentro das próprias manifestações já começaram a despontar rapidamente as diferenças ideológicas, separando a massa de pessoas em dois rumos de militância opostos (BRUGNAGO e CHAIA, 2015).

No início não se sabia a duração e a força que essas manifestações teriam, mas elas provaram-se persistentes e mantiveram-se até as eleições de 2014, onde de um lado a esquerda se mobilizou contra o que seria um projeto neoliberal do PSDB, enquanto a direita conservadora começou a fomentar um forte antipetismo, declarado como antipartidário. A partir de então, o radicalismo conservador da direita começou a crescer e a adquirir elementos de ódio (BRUGNAGO e CHAIA, 2015).

Procurando compreender esse fenômeno, Cepêda (2018) fala de trabalhos que buscam estabelecer o contexto histórico, as causas e os efeitos por trás desse novo padrão de disputa política fortemente ideologizada, surgida a partir de 2013, com a crescente predominância da direita. Esses estudos apresentam seis hipóteses acerca do protagonismo assumido por intelectuais da nova direita brasileira: [1] coerência com o momento histórico e com o cenário internacional, entendendo a nova direita como um fenômeno global; [2] o distanciamento da ditadura, que com o passar do tempo esmaece na memória dos brasileiros e distorce a percepção sobre os riscos e vícios do autoritarismo; [3] as mudanças tecnológicas e funcionais da indústria cultural; [4] a criação de espaços institucionalizados para produção e difusão do pensamento liberal ou de direita, principalmente na internet; [5] os sucessos e fracassos dos governos de esquerda do país, aumentando a força da polarização política; [6] a crise do sistema partidário e do sistema representativo, gerando uma espécie de ódio à democracia.

Porém, Cepêda (2018) faz uma alerta contra a generalização das pessoas envolvidas nos movimentos de direita, uma vez que “a nova direita” é apenas um rótulo utilizado para denominar um movimento extremamente plural. No caso brasileiro, por exemplo, esse movimento aglutinaria:

[...] entusiastas do regime militar, que desejariam uma ação pela força para destroçar o atual estado de coisas; [...] conservadores que se moldam a um viés mais “continental” europeu, preferindo uma roupagem mais “religiosa”; [...] defensores do retorno da monarquia; [...] “libertários”, que pregam a privatização de tudo quanto possam e, em um ponto extremo, chegam ao anarco-capitalismo (BERLANZA, 2017, apud CEPÊDA, 2018, p.53)

São, portanto, muitas as direitas emergentes nesse novo cenário mundial, e muitas as possíveis causas de seu processo de ascensão. Procurando explicá-las, Coutinho (2018), um ensaísta e cientista político português, expõe seus pensamentos sobre o conservadorismo ao qual ele mesmo é filiado. Segundo o autor, o maior perigo dessa nova direita é sua nefasta associação entre o pensamento político e a fé. Para ele, a direita coerente deveria estar mais próxima do ceticismo, longe da mentalidade radical e utópica que levaram ao fascismo e ao nazismo. O que mostra que o conservadorismo econômico e o pensamento de direita podem se manifestar dissociados de um conservadorismo nos costumes retrógrado e baseado na perigosa moral cristã daqueles que não aceitam as diferenças.

2.3.1 O medo como arma da virada ideológica e ferramenta de cooptação religiosa

O medo sempre foi utilizado como ferramenta política e de dominação, seja pela religião, seja pelo Estado. Sobre esse processo do medo na sociedade Ocidental, Ramoneda (2000) escreve:

No Ocidente houve um empenho para construir um novo inimigo, porque o medo é sempre uma ajuda para o governante. O inimigo é o Outro, o que põe em perigo a própria identidade, seja a ameaça real ou induzida. O temor ao Outro favorece a coesão nacional em torno do poder e faz com que a cidadania seja menos exigente com os que governam. (RAMONEDA, 2000, p.22)

Marilena Chauí, descrevendo o processo de surgimento da religião, do fundamentalismo e do poder teológico-político, diz que para Espinoza a base dessas instituições é a superstição, que não é nada mais do que fruto do medo. *“A que ponto o medo ensandeece os homens! O medo é a causa que origina e alimenta a superstição [...] os homens só se deixam dominar pela superstição enquanto têm medo [...]”* (ESPINOSA, 1925, apud CHAUI, 2006, p.135).

O filósofo Slavoj Zizek também fala dessa questão do medo usado como ferramenta política e de dominação, descrevendo um processo das sociedades contemporâneas que criam uma aglutinação de diversos medos difusos em um centro comum, atribuindo-o a certos objetos, pessoas e contextos. No caso das últimas eleições brasileiras, por exemplo, o medo comum passou a girar em torno da figura do Partido dos Trabalhadores (PT). Por esse processo, todos os medos, do desemprego, da miséria, da fome, e etc., foram inteligentemente associados pela direita como se fossem única e exclusivamente responsabilidades do governo do PT (BRUGNAGO e CHAIA, 2015).

O uso do medo como ferramenta política não é recente, e processos parecidos com o ocorrido nas últimas eleições podem ser encontrados em diversos períodos históricos, como por exemplo, no poder que a Igreja Católica conquistou na Idade Média (através do

medo da perdição eterna), ou no golpe militar de 1964, quando a ameaça clássica do medo vermelho, representado pelo comunismo, toma conta do imaginário popular brasileiro a ponto de grande parte das pessoas oferecerem seu apoio à ditadura que se instaurava (BRUGNAGO e CHAIA, 2015).

Desse modo, percebe-se que além de o medo ser uma grande ferramenta de dominação política, ele sempre trás alguma associação com a religião, no sentido de que sempre opera pela dicotomia básica nós-eles, bem e mal, sempre buscando a conversão proselitista do outro que, ao pensar diferente do grupo ao qual pertença, encarna todos os males e recebe a culpa por todos os meus medos.

Esse medo do outro, do diferente, e de aspectos de nós mesmos que a moral religiosa condena e nos ensina também a condenar, pode ser uma das causas que garantam a cooptação de membros da Comunidade LGBT+ para ideologias claramente contrárias à sua essência, sua sexualidade e seu modo de ser. O medo do inferno, da perdição eterna e do “pecado da homossexualidade” infelizmente ainda apresenta-se muito vivo no imaginário de grande parte dos LGBTs, e de muitos desses líderes políticos e religiosos que, ainda que fazendo parte desse grupo, negam-no para negarem-se a si mesmos e apaziguarem esse medo do “pecado” que acreditam carregar.

3 | LGBTs IDENTIFICADOS COM O CONSERVADORISMO NOS COSTUMES E A NEGAÇÃO DE SI MESMOS

A direita política está intimamente ligada à manutenção de valores, instituições e estruturas sociais conservadoras, como a igreja. Essa relação histórica é ainda muito forte e presente, e pode ser verificada pelos discursos de políticos, líderes religiosos e membros das diversas religiões que, insistentemente, afirmam o desejo explícito de unir as esferas políticas, sociais e religiosas, criando uma sociedade cada vez mais afinada com seus valores, ideais, crenças e dogmas. Por isso, a questão do conservadorismo nos costumes está indissociavelmente ligada à questão religiosa, e leva ao questionamento que norteia esse estudo: o conservadorismo nos costumes por parte de membros da comunidade LGBT+ não se configura em um contrassenso?

Santos (2003), analisando a difusão da teologia na vida cotidiana da civilização ocidental, diz que a penetração do discurso religioso se dá por uma constante incitação do medo de si mesmo. Isso porque, para a autora, o sujeito não é algo em si, determinado a priori e independente do contexto social e da dimensão afetiva, o sujeito é constituído por seus afetos, portanto, mudem-se os seus sentimentos e você mudará a pessoa.

Ao instigar medo no sujeito, e, principalmente, um medo de si próprio, consegue-se cooptá-lo para qualquer coisa. Se o indivíduo passa a se entender como sendo o seu grande obstáculo, ele estará disposto a voltar-se mais docilmente para o outro em busca de um caminho. Se as vozes em sua cabeça e seus desejos mais íntimos são pecaminosos,

e o levarão à perdição eterna, quais vozes externas deverá ouvir? Aquelas que ofereçam discursos de esperança, e que alinhadas com essa culpabilização de si mesmo, que ele já aceitou como verdade, ofereçam possibilidade de apaziguamento para aqueles medos internos que aprendeu a cultivar.

Desse modo, é fácil compreender que uma pessoa religiosa escolha ideologias políticas de contenção e de negação de si próprio. Lutando externamente contra aquilo que é, mas não quer ser, contra aquilo que não pode se permitir ser, diante do grande medo da perdição que lhe foi inculcado. São esses sentimentos que gestam personalidades como as citadas adiante, de homossexuais que entram na política não para lutar por sua causa e pela libertação desse julgo social nefasto em si, e em seus iguais, mas para atravancar-lhes o caminho. Essas pessoas, muitas vezes, farão essa luta crendo mesmo estarem imbuídas de alguma missão religiosa, salvadora, e que lhes trará, no futuro distante de alguma outra vida, um apaziguamento para essa tensão interna que a aceitação ajudaria a resolver.

3.1 Os Capitães do Mato e a política de antirresistência dos gays conservadores

Inicialmente, é preciso pontuar que esse não é um fenômeno brasileiro, já que de acordo com Thomaz (2018), a emergência de figuras públicas e políticas que se declaram homossexuais de direita, e conservadores nos costumes, é uma ocorrência observada em diversos países. Como exemplo, o autor cita o caso de Florian Philippot, coordenador da campanha presidencial de Le Pen, política francesa de extrema-direita, que em 2014 foi declarado homossexual por uma revista, através da publicação de fotos suas com seu namorado. Em um partido conhecido por seu antissemitismo, racismo e homofobia, essa notícia, entendida por muitos como oportuna, abriu as portas para seu uso político na tentativa de uma aproximação com eleitorado LGBT.

Além de Philippot, um dia antes da revelação acerca de sua sexualidade, o ativista gay Sébastien Chenu deixou o partido UMP, União por um Movimento Popular, de centro-direita, para também ingressar na Frente Nacional da França, partido pelo qual foi eleito deputado nas eleições legislativas de 2017. Esses dois eventos combinados aumentaram as suspeitas de que o partido teria decidido voltar-se conscientemente para a causa gay em busca de votos (THOMAZ, 2018).

No Brasil, no ano de 2006, Clodovil Hernandes, figura pública, tornou-se deputado federal, sendo o mais votado naquele ano. Homossexual assumido, mas não resolvido, preenchia todos os requisitos do conservadorismo moral, sendo inclusive contra o casamento entre homossexuais, por motivos religiosos: “O que é realmente certo diante do poder superior, que a gente chama de Deus, é o homem e a mulher porque eles geram uma outra alma que vem ao mundo” (CLODOVIL HERNANDES, apud THOMAZ, 2018).

Mais recentemente, em uma reportagem sobre gays de direita, feita por Thomaz (2018), foram entrevistadas algumas figuras públicas que se identificam como conservadores nos costumes, apesar da contradição flagrante entre essa ideologia e suas sexualidades.

Um desses jovens, por exemplo, é Rommel Werneck, professor, ativista político e um dos coordenadores do grupo Direita São Paulo. Ele é homossexual assumido, católico, mas acredita que sua sexualidade é incompatível com sua própria fé. Vai à missa nos domingos, mas não se confessa, pois, segundo ele, sua situação de vida não permite.

Ainda de acordo com a reportagem de Thomaz (2018), a condição sexual de Werneck não gera quaisquer constrangimentos ou tentativa de impedimento no grupo Direita São Paulo, ao qual é filiado. Mas, a questão que se coloca sobre a aceitação de Werneck ou de outros homossexuais na mesma situação, como a suposta aceitação de Philippot por seu partido francês historicamente homofóbico, é se essa seria uma aceitação verdadeira ou uma aceitação conveniente. Essas figuras, ainda que homossexuais, estão ali justamente para lutar contra as agendas de luta pela igualdade dos movimentos LGBTQ+, que eles negam. Vale lembrar que na época da escravidão, negros também eram bem aceitos como Capitães do Mato, quando estavam ali ao lado da classe dominante apenas para servirem de ferramenta para manutenção da escravidão de seus iguais.

Outro personagem entrevistado por Thomaz (2018) é Smith Hays, engenheiro de 30 anos de idade, com mais de 50mil seguidores em uma de suas redes sociais, até a data da entrevista, e que se define como um gay de direita. Defensor da família tradicional, ele foi um dos fortes influenciadores na campanha de 2018 do então presidente Jair Bolsonaro, afirmando acreditar que o então presidente não tinha nada contra os gays, mas mesmo que tivesse não se importaria.

Sobre a estranheza e a aparente contradição de que homossexuais assumidos apoiem pessoas, pensamentos e ideologias que os condenam, diz o jornalista Thomaz (2018):

[...] se você é gay, como apoia alguém que publicamente desrespeita, faz troça, condena, difama e agride sua orientação sexual, algo de cunho tão íntimo e pessoal? Bolsonaro já disse que prefere que um filho seu morra num acidente do que apareça com “um bigodudo por aí”, que ter filho gay é falta de “palmada” e que “ninguém gosta de homossexual”, apenas suporta. (THOMAZ, 2018)

Provavelmente um dos motivos que permitem esse tipo de estranho comportamento, quase masoquista, é aquela complexa questão da culpa e do medo incutidos nos homossexuais pelas religiões, discutida anteriormente.

Continuando com apresentação de exemplos LGBTQs que professam esse tipo de fé e de ideologia contrária a si próprio, outro nome em voga no país é o de Fernando Holiday, uma gay não praticante, segundo definição de Thomaz (2018). Isso porque o então vereador afirma ser gay, mas não fazer sexo em respeito à bíblia e à sua fé. “Desde a conversão, Holiday tem buscado seguir à risca o mandamento presente no Levítico (20:13): ‘Se um homem se deitar com outro homem, como se fosse com mulher, ambos terão praticado abominação.’” (HOLIDAY, apud THOMAZ, 2018).

A triste afirmação retoma novamente o conceito da culpa e do medo da própria homossexualidade e de como a moral cristã pode aprisionar as pessoas em uma triste negação de si mesmas. O que se demonstra pelas sucessivas afirmações de Holiday acerca da própria fé e de sua contradição em relação à sua sexualidade: “O fato de eu namorar outro homem é um pecado. O fato de eu ter um desejo constante por outra pessoa do mesmo sexo, mas não fazer isso, não é um pecado. É a única saída em estar na Igreja Católica e ser homossexual” (HOLIDAY, apud THOMAZ, 2018).

Quando esses homossexuais filiados a partidos, instituições e grupos conservadores nos costumes procuram demonstrar que são bem aceitos nesses ambientes, de que tipo de aceitação se está falando? Pode ser chamado de aceitação essa tolerância que só aceita o outro quando ele pensa como eu, e reproduz a minha fala? É aceitação esse uso da pessoa LGBT para reproduzir a fala preconceituosa que esses grupos propagam? Porque essa mesma aceitação não se estende aos outros integrantes da comunidade LGBT+ que não aceitam ser chamados de pecadores, de doentes e que não permanecerão calados diante das tantas desigualdades e falta de direitos?

Um último caso que ilustra essa problemática é o do deputado estadual Douglas Garcia, do Partido Social Liberal, PSL, mesmo partido do presidente Jair Bolsonaro, que em entrevista à Revista Época de 2011 assumiu-se “preconceituoso com orgulho” (JAIR BOLSONARO, apud POMPEU, 2017). Em 2019, um dia após fala transfóbica de Douglas Garcia no plenário, onde disse que tiraria transexual do banheiro masculino a tapa, ele decide assumir sua homossexualidade apenas por conta de ameaças de vazamento de seus vídeos íntimos com outros homens (PORTAL PRAGMATISMOPOLÍTICO, 2019).

No entanto, o mais interessante desse caso, e que diz muito sobre seus medos, sua psique, e o real clima do seu partido em relação à homossexualidade, é o fato de Douglas Garcia ter pedido permissão para se assumir, com medo de que isso prejudicasse sua bancada. Num ato que deixou claro que tanto para ele, como para o partido e para a ideologia que segue, a homossexualidade está longe de ser aceita.

Na fala da deputada Janaina Paschoal, também do PSL, e que ficou incumbida de revelar a sexualidade de seu companheiro de partido, em plenário, ela cita o receio de Douglas Garcia: “ele veio falar comigo incrivelmente preocupado que isso pudesse prejudicar a bancada [do PSL], e eu falei pra ele, ‘filho, pelo amor de Deus, só se fossem pessoas absolutamente irracionais, não faz o menor sentido” (PORTAL PRAGMATISMOPOLÍTICO, 2019).

Ainda que o partido tenha lhe dado permissão de revelar sua sexualidade, e que a fala de Janaina Paschoal tenha tentado passar uma ideia de normalidade em relação ao assunto, porque justamente o homossexual envolvido na questão não sentia exatamente essa mesma confiança e esse mesmo clima amistoso para com a homossexualidade? Por que Douglas Garcia, sendo homossexual e fazendo parte daquele grupo recebeu em se assumir e sentiu a necessidade de pedir permissão para tanto? Será que a

homossexualidade é realmente tratada com tanta naturalidade por aquele partido e por sua ideologia, como fez parecer Janina Paschoal? Qual é o real clima, a real aceitação e o real status dos homossexuais dentro de grupos assumidamente conservadores?

Essas são questões a serem ainda pensadas e que só revelam a complexidade do quadro, e o quanto o preconceito e a violência ainda estão impregnados em vários setores da sociedade, mesmo que em muitos deles, procurando desarticular as forças dos movimentos LGBT+, se propague a falsa ideia de que já foram resolvidos e de que a luta é atualmente desnecessária.

4 | CONCLUSÃO

O conservadorismo nos costumes, da direita política, está íntima e historicamente associado à manutenção de estruturas sociais tais como a religião e a família tradicional, buscando manter o poder, a moral, os valores, a ideologia e os dogmas dessas instituições. A religião, por sua vez, trabalha com duas bases de violência: a primeira é seu fundamentalismo inerente, já que praticamente todas as religiões se colocarão como as únicas detentoras da verdade, e a segunda forma intrínseca de violência é sua necessidade do proselitismo, uma vez que assumem a necessidade de converter aqueles que não professam a mesma fé ou não vivem sob os mesmos códigos morais e de conduta.

Se o conservadorismo procura a manutenção de instituições tal como concebidas há milhares de anos, onde a homossexualidade não era aceita, e a manutenção da moral religiosa que em seu código ético-moral, a bíblia, recomenda textualmente que os homossexuais sejam mortos (Levítico 20:13), não é possível ser um homossexual conservador nos costumes sem incorrer em uma grande contradição.

Neste sentido, o homossexual conservador nos costumes luta para manter um mundo que o nega. Luta em uma ação contrarrevolucionária que leva a uma antirresistência, ou seja, luta pela entrega, pela desistência e pela aceitação de todas as injustiças, violências e desigualdades que recaem sobre ele e seus iguais. Em uma guerra contra si mesmo, movida pelo medo e pela culpa de sua condição sexual, plantados pela moral religiosa que o dominou, mesmo que ele não necessariamente professe alguma fé específica.

Medo e culpa sempre foram as principais armas de dominação das religiões, por isso sua união com a política é sempre perigosa, e muitos conservadores econômicos e personalidades sérias da direita abominam essa união, tentando superá-la. O medo da perdição eterna, e do pecado que representaria a homossexualidade, ainda se manifesta fortemente no imaginário de grande parte da população, e de muitas dessas pessoas LGBTs que se assumem fundamentalistas ou conservadoras nos costumes, negando no outro o que gostariam de negar em si, e procurando apaziguar esse conflito que aceitação resolveria.

Esses LGBTs, cada vez mais aceitos nos meios de direita, não são aceitos porque

esses conservadores e religiosos fundamentalistas mudaram de ideia com respeito à homossexualidade, não são aceitos por serem quem são, mas justamente por serem a negação de sua sexualidade, a negação da luta a que eles sempre se contrapuseram.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Eustáquio Diniz. **O voto evangélico garantiu a eleição de Jair Bolsonaro**. Instituto Humanitas Unisinos. 2018. Disponível em:<<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/584304-o-voto-evangelico-garantiu-a-eleicao-de-jair-bolsonaro>>. Acesso em 10/04/2019.

AMALADOSS, Michael SJ. Religiões: violência ou diálogo? **Perspectiva Teológica**, V.34, p.179-196, 2002. Disponível em:< <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/631>>. Acesso em 09/04/2019.

BRUGNAGO, Fabrício; CHAIA, Vera. A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. **Revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v.7, n.21, p.99-129, out.2014-jan. 2015. Disponível em:< <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/22032>>. Acesso em 13/04/2019.

CEPÊDA, Vera Alves. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. **Mediações**, Londrina, v.23, n.2, p.75-122, mai./ago. 2018. Disponível em:< <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/34801>>. Acesso em 14/04/2019.

CHAUÍ, Marilena. Fundamentalismo religioso: a questão do poder teológico-político. In **Filosofia Política Contemporânea: Controvérsias sobre Civilização, Império e Cidadania**. São Paulo: Departamento de Ciência Política. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. Abril 2006. Disponível em:< <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/secret/filopolconbr/Chaii.pdf>>. Acesso em 14/04/2019.

COUTINHO, João Pereira. **As ideias conservadoras explicadas a revolucionários e reacionários**. São Paulo: Três Estrelas, 2018.

GONÇALVES, Ana Carolina Santiago. **A nova direita brasileira e sua atuação nos meios de comunicação e na web**. Trabalho de Conclusão de curso de Graduação em Ciência Política e Sociologia – Universidade Federal da Integração Latino-americana, Foz do Iguaçu, 2017. Disponível em:<>. Acesso em 10/04/2019

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico de 2010**. Disponível em:< <https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 14/04/2019.

PORTAL PRAGMATISMOPOLÍTICO [Online]. **Deputado transfóbico do PSL manda Janaína anunciar que ele saiu do armário**. 2019. Disponível em:< <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/04/deputado-psl-douglas-garcia-janaina-paschoal.html>>. Acesso em 15/04/2019.

RAMONEDA, Josep. **Depois da paixão política**. São Paulo: Editora Senac, 2000.

SANTOS, Luciana Oliveira dos. O Medo Contemporâneo: Abordando suas diferentes dimensões. **Psicologia ciência e profissão**, 2003, v.23, n.2, p.48-55, 2003. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932003000200008&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em 15/04/2019.

SANTOS, Milene Cristina. **O Proselitismo religioso entre a Liberdade de expressão e o Discurso de ódio: a “Guerra santa” do Neopentecostalismo contra as Religiões afro-brasileiras**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa da Pós-graduação em Direito da Faculdade de Direito da Universidade de Brasília. 2012. Disponível em: < <http://repositorio.unb.br/handle/10482/13873> >. Acesso em: 05/04/2019.

SOUZA, Sandra Duarte de. Política religiosa e religião política: os evangélicos e o uso político do sexo. **Estudos de Religião**, v.27, n.1, p.177-201, jan.-jun. 2013. Disponível em:< <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1078/er.v27n1p177-201> >. Acesso em 13/04/2019.

POMPEU, Ana. As frases polêmicas de Jair Bolsonaro. **Congresso em Foco [Online]**. 2018. Disponível em:< <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/as-frases-polemicas-de-jair-bolsonaro/> >. Acesso em 15/04/2019.

THOMAZ, Danilo. Gays de direita: o que pensam jovens homossexuais conservadores. **Revista Época**, 15 de jun. de 2018. Disponível em:< <https://epoca.globo.com/politica/noticia/2018/06/gays-de-direita.html>>. Acesso em 14/04/2019.

_____. Como a extrema-direita francesa conquistou o apoio de grande parte da população gay. **Revista Época**, 16 de jun. de 2018. Disponível em:< <https://epoca.globo.com/mundo/noticia/2018/06/como-extrema-direita-francesa-conquistou-o-apoio-de-grande-parte-da-populacao-gay.html>>. Acesso em 14/04/2019.

_____. Gay de direita, Clodovil é lembrado por polêmicas no Plenário. **Revista Época**, 18 de jun. de 2018. Disponível em:< <https://epoca.globo.com/politica/noticia/2018/06/gay-de-direita-clodovil-e-lembrado-por-polemicas-no-plenario.html>>. Acesso em 14/04/2019.

SOBRE O ORGANIZADOR

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA - Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica (PPGED) - área de concentração em Família e Sociedade - pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), atuando na linha de pesquisa Trabalho, Consumo e Cultura. É bacharel em Ciências Humanas, pelo Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora (BACH/ICH - UFJF); licenciado em Artes Visuais, pelo Centro Universitário UNINTER; e, tecnólogo em Design de Moda, pela Faculdade Estácio de Sá -Juiz de Fora/MG. Realizou cursos de especialização nas seguintes áreas: Moda, Cultura de Moda e Arte, pelo Instituto de Artes e Design da Faculdade Federal de Juiz de Fora (IAD/UFJF); Televisão, Cinema e Mídias Digitais, pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACOM/UFJF); Ensino de Artes Visuais, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACED/UFJF); e, Docência na Educação Profissional e Tecnológica, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais - Campus Rio Pomba (IF Rio Pomba). Tem interesse nas áreas: Moda e Design; Arte e Educação; Relações de Gênero e Sexualidade; Mídia e Estudos Culturais; Corpo, Juventude e Envelhecimento, dentre outras possibilidades de pesquisa num viés da interdisciplinaridade.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afetos 19, 71

Arte 9, 10, 3, 30, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 76, 78

B

Brasil 19, 40, 47, 54, 62, 64, 68, 72, 76

C

Cognição 50, 51, 52, 54, 55, 56, 61

Comunicação 2, 9, 1, 2, 16, 28, 29, 30, 32, 38, 41, 42, 45, 50, 53, 54, 55, 62, 64, 76, 78

Comunicar 9, 29, 46, 48

Comunidade LGBTQ+ 10, 64, 71

Conflitos 54

Conservadorismo Nos Costumes 10, 64, 65, 67, 70, 71, 75

Consumo 17, 18, 19, 26, 27, 42, 43, 45, 78

Contemporaneidade 9

Crítica 9, 42, 43, 50, 60, 61, 62, 64, 65

Cultura 2, 9, 16, 18, 26, 27, 29, 39, 40, 42, 51, 53, 57, 58, 60, 78

D

Desafios 14, 40, 54

Discursos 26, 31, 32, 71, 72

E

Economia da informação 50

Educação 39, 40, 53, 78

Estética 19, 23, 26

G

Gays de Direita 64, 72

I

Identidades 26, 64

Inclusão 17, 19, 20, 21, 24, 26

Instagram 9, 10, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 49

Inteligência Artificial 6, 50, 51, 52, 60, 61, 62

Interatividade 1, 2, 3, 5, 6, 15

L

Linguagem 26, 30, 45, 48, 54, 57, 58, 60

M

Mediação 19, 28

Memória 1, 41, 56, 58, 69

Metaverso 9, 10, 1, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16

Mídia 9, 5, 8, 15, 44, 46, 50, 76, 78

Multiplataformas 10, 1

N

Narrativas publicitárias da diferença 17

Narrativa Transmídia 9, 10, 1, 2, 4, 5, 7, 9, 10, 12

Nova Onda Conservadora 9, 10, 64, 66, 68

Nova Retórica 29

P

Percepção 9, 10, 45, 58, 59, 69

Poética 43

Pós-humanismo 50

Publicidade 9, 10, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 26, 27, 52, 54

Publicidade Inclusiva 17

R

Redes Sociais 9, 10, 18, 26, 29, 30, 31, 40, 44, 45, 46, 51, 52, 53, 73

Retórica 9, 10, 18, 23, 27, 29, 30, 31, 37

S

Second Life 1, 7, 8, 9, 10, 13, 15

Sociedade 9, 18, 25, 27, 28, 43, 50, 52, 61, 62, 65, 66, 70, 71, 75, 78

Subjetividades 62

T

Teatro 1, 2, 3, 13


Tradição 47


Transumanismo 9, 10, 50, 55


Twitter 9, 29, 30, 31, 32, 37

V

Verdade 9, 10, 4, 9, 18, 29, 31, 37, 56, 67, 72, 75

 www.atenaeditora.com.br


 contato@atenaeditora.com.br


 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

COMUNICAÇÃO E CULTURA:

processos
contemporâneos

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

COMUNICAÇÃO E CULTURA:

processos
contemporâneos